

Os mais antigos prospectos do Santuário do Bom Jesus do Monte (1781-1880)

Eduardo Pires de Oliveira*

O Santuário do Bom Jesus do Monte tinha todas as condições para poder vingar fosse na sensibilidade do povo minhoto, fosse no seu imaginário. Em nenhum outro local se reuniram tantos e tão perfeitos atributos.

Em primeiro lugar, inquestionavelmente, devemos ter em conta uma sociedade que tinha uma religiosidade profundamente ligada ao espetáculo: acima de tudo, o Homem, as populações, também queriam ser actores e intérpretes do que se representava nas capelas que subiam o monte. Depois temos que ter em conta um fortíssimo contraponto: a diferença impressionante entre as sensibilidades de quem usufruiu da montanha sagrada – a população em geral em que avulta o homem pobre e de alguma forma inculto – e a de quem a quis fazer e pagou, o todo-poderoso arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles. Ambos estavam formatados numa sensibilidade tradicional, o que aqui quer também dizer oficial, ambos queriam um conjunto espetacular composto por capelas e cenas da paixão.

* Biblioteca Pública de Braga / Universidade do Minho. epoeduardo@gmail.com.

Mas havia mais uma força a intervir aqui no Bom Jesus. Referimo-nos aos Jesuítas bracarenses. O seu pensamento e a sua sensibilidade não eram assim tão lineares, eram sobretudo intelectuais: eles queriam por um lado exaltar o panteão pagão e clássico através das fontes (dedicadas a Marte, Júpiter, Saturno, etc.) e, por outro, usando as fontes reunidas no escadório dos Cinco Sentidos por eles concebido, exaltar valores igualmente pagãos, mas também sensoriais.

Mas não é só ao homem que podemos atribuir as razões para o conhecimento e desenvolvimento do Bom Jesus do Monte. Há um outro fator muito, muitíssimo importante mesmo: a natureza. Não sabemos se o local tinha características excepcionais na Idade Moderna, se sobre aquele sítio corria alguma lenda; neste momento não se conhece nenhuma e é bem possível que não houvesse.

Há que refletir em duas realidades:

- (1) Era normal a implantação de capelas no alto de montes, de montes que tinham sido humanizados;
- (2) Raros, raríssimos foram os cumes em que a existência de uma capela não correspondia a espaços de ocupação ancestral, de um povoado castrejo. A verdade é que na área da mata do santuário não é conhecida qualquer referência a achados arqueológicos.

O Bom Jesus, no século XV, data a que se costuma fazer remontar a primeira capela, estava relativamente próximo de Braga. As pessoas andavam bastante, cinco ou seis quilómetros não eram uma distância considerável, fazer-se-ia em apenas uma hora, ou pouco mais. Mas a questão é que entre o Bom Jesus e Braga há uma elevação que teve uma povoação da Idade do Ferro e depois uma capela, o monte da Consolação, em Nogueiró. Porque é que então foi colocada uma capela na montanha do Bom Jesus?

Pensamos que há uma explicação simples: o Bom Jesus estava numa posição mais espetacular, na fileira de montanhas que delimitam o território bracarense a nascente; depois estende-se a serra do Carvalho. Qualquer capela ali implantada olharia diretamente para Braga e seria também bem vista a partir da cidade. As montanhas intermédias pouco mais são que pequenas colinas, não cortam a visibilidade a quem vivia na cidade sede do arcebispado.

Não se conhecem as razões porque em tempos desconhecidos o Homem criou ali uma via-sacra. Em 1629 deu-lhe uma maior expressão transformando os locais das cruzes em capelas, ainda que singelas, passando assim a encosta a ser conhecida como “Monte do Calvário”¹. E posteriormente, a partir de 1722, D. Rodrigo de Moura Teles deu início ao moderno Bom Jesus, fazendo uma igreja de dimensões relativamente grandes para um lugar ermo a que se acedia através de uma monumental escadaria, escadaria que tinha uma escala tão volumosa que se tornava visível desde Braga.

Ou seja, de certa forma resolviam-se duas vontades de uma só vez:

- (1) A dimensão da obra era uma memória contínua e bem visível da benemérita do arcebispo.
- (2) Era um apelo contínuo à prática da oração, à memória do Cristo que morrera no alto de uma montanha escalavrada e sobranceira a Jerusalém, exatamente como aquele monte o era sobre Braga.

Desde o século XVII, ou mesmo desde tempos anteriores, os homens que corriam por toda a diocese pedindo dinheiro para a construção das capelas falavam de uma realidade que era de certa forma abstrata. Nas suas freguesias os povos conheciam – ou até poderiam possuir – capelas situadas no topo das montanhas, mas não idealizavam a transformação das pequenas cruzes de uma via-sacra em pequenas capelas, até porque isso implicava uma realidade económica de certa monta e que não era, de todo, fácil de resolver.

Os peditórios eram então feitos por pessoas que aceitavam ter esse encargo por sua devoção. Esses homens iam de casa em casa, porta em porta, freguesia por freguesia pedindo uma esmola, uma moeda pequena para as obras da capela ou da igreja que se queria levantar e/ou transformar. Os serviços da Mitra passavam uma provisão que não só poderia autenticar aquela actuação como, também e se necessário fosse, justificar o porquê desse trabalho.

Longe estava ainda o tempo em que haveria uma imagem, uma imagem que se pudesse mostrar, que desse mais força a quem andava na angariação cêntimo a cêntimo. E muitíssimo mais longe ainda estava o dia em que se passaria a agradecer a dádiva, retribuindo com uma imagem do orago da capela, um

santinho. Não é que eles não existissem; quase se pode dizer que os registos de santo sempre existiram, os mais antigos como xilogravuras, muitas de forte sentido expressionista ou naif, só depois utilizando outras técnicas que permitissem imagens com desenho mais fino, mais apurado². Mas a questão é que a tarefa de abrir uma gravura era onerosa, para além de que não havia sequer esse hábito. E todo o dinheiro era pouco e as despesas eram grandes, sobretudo no pagamento aos padres e nos gastos infindos em cera para alumi- ar a igreja nos atos correntes ou nas missas pelas almas dos irmãos mortos, pouco sobrando assim para as obras.

A perspectiva do Bom Jesus do Monte

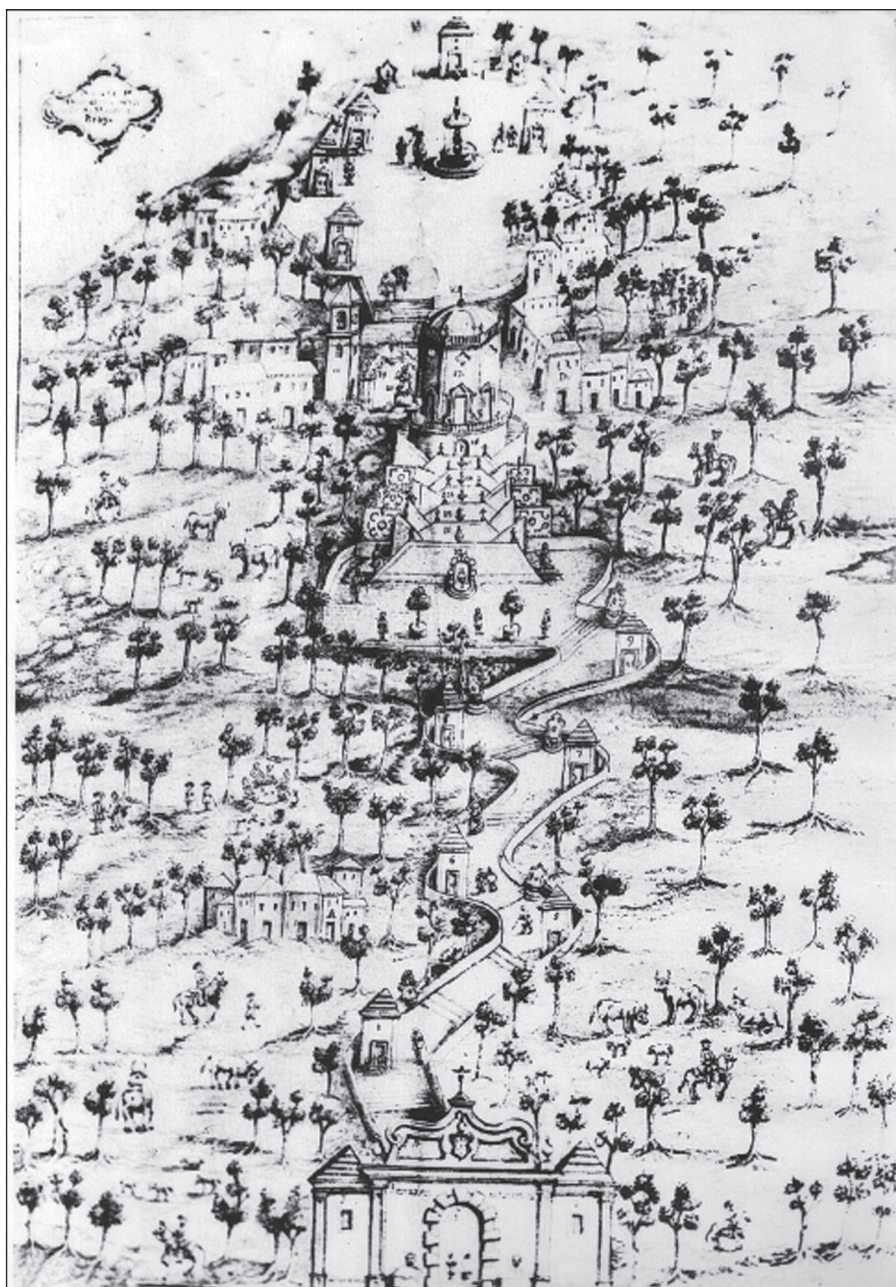
As perspectivas do Bom Jesus do Monte que hoje todos conhecemos, seja pelas gravuras de médio formato que desde os finais do séc. XIX correram mundo, seja, mais modernamente, pelos postais ilustrados e agora pela fotografia são uma das poucas imagens de que se pode conhecer a evolução. Se estivéssemos perante uma composição recente, seria compreensível esse conhecimento. Mas não, a representação mais antiga remonta a data desconhecida, sem dúvida a algures dos inícios da década de 1780.

1

[PROSPECTO DO BOM JESUS DO MONTE, inícios da década de 1780?]

Esta imagem, hoje numa coleção particular, é conhecida através de uma reprodução: a que está publicada na tese de mestrado de Manuel Joaquim Moreira da Rocha³, sem dúvida melhor do que a que também deu a conhecer Luís Costa⁴, infelizmente ambas sem grande qualidade. Perdem-se, assim, sobretudo, as informações escritas e, eventualmente, alguma data.

Este desenho, profundamente naif, não está referido na documentação conhecida sobre o Bom Jesus do Monte. Não se sabem as razões para que foi feita e não se conhecem nem o autor, nem a data. Mas olhando para ela pode alvitrar-se uma hipótese.



1. [PROSPECTO DO BOM JESUS DO MONTE, inícios da década de 1780?]

Em 1780, no dia 5 de Julho⁵, Carlos Amarante e Paulo Vidal foram ao Bom Jesus a pedido da confraria para ver qual era o estado de ruína da igreja do santuário. A situação era muito má. Segundo a acta da sessão da mesa seguinte à visita, *se achava aberta em partes, e em tais termos prometer pouca devoção*⁶ o que levava a que fosse necessário fazer-se um novo templo. Bem ciente desta realidade, a confraria achou por bem mostrar-se aberta à receção de propostas e recebeu uma do mestre entalhador João Bernardes da Silva, hoje desconhecida⁷ que, porém, não viria a aceitar em virtude do arcebispo D. Gaspar de Bragança oferecer outra riscada pelo seu protegido, Carlos Amarante.

Olhando-se para este desenho ingénuo e para o que em 1789 Carlos Amarante viria a desenhar e colorir há uma diferença imensa na qualidade do desenho. Mas do ponto de vista documental são duas peças igualmente interessantes: um mostra-nos a encosta do Bom Jesus antes do primeiro projecto de um escadório a ligar as capelas, desde o pórtico até ao dos Cinco Sentidos; o outro permite-nos perceber quais seriam as obras que se viriam a fazer naquele lugar, embora ainda sem a planta do escadório das Virtudes e a igreja apenas pouco mais do que indicando o novo lugar de implantação⁸.

Nele vemos que a ligação era feita através de um caminho rasgado na montanha, bem organizado, ladeado por muros, com algumas séries de três degraus para ajudar a vencer os pendores mais fortes e grandes patamares intermédios.

Este caminho é bem mais complexo que o que existe na encosta do Monte da Senhora do Pilar, em Lanhoso, Póvoa de Lanhoso, que é simplesmente empedrado com calçada portuguesa. Mas está muito menos organizado do que o que previa no seu projeto Carlos Amarante e que, afinal, só viria a ser realizado em 1885 por António Augusto Pereira⁹.

Vemos ainda uma portada tripartida no arranque da escadaria, embora haja apenas uma entrada porque os espaços laterais são capelas que já existiam desde o projecto de 1722. O que é interessante é a alteração que o desenhador fez na parte central em que abole os espaços laterais, vazios, ligando-os por panos de parede às duas capelas laterais, sobrepujando tudo por uma ampla cornija ondulada terminada em aletas; o brasão do arcebispo Moura Teles, ao centro, está inscrito numa cartela.

Ou seja, estamos perante um desenho bem barroco, quiçá o primitivo, do tempo daquele arcebispo, pois o que agora se vê e já se encontra no desenho de Carlos Amarante pode – ou não – ter sido, afinal, uma ideia dele que em data desconhecida foi efetivada. Não há, porém, qualquer documentação que confirme estas hipóteses, embora também se deva dizer que é estranho que o desenhador tenha feito uma recriação do pórtico por sua livre iniciativa, prática que não era a mais corrente porque este desenho pretende ser, acima de tudo, uma representação do real, um documento para a partir dele se poder trabalhar.

Outra questão importante é a da possível data. Sem sabermos se o original tem alguma inscrita, o que se pode dizer é que deverá ter sido realizado algures entre 1765 (?) e o início da década de 1780. Expliquemo-nos: no desenho há duas coisas importantes que já, e ainda, se podem ver. Uma é o Terreiro dos Evangelistas já terraplanado com as três capelas construídas e a fonte ao centro. Ora, duas das capelas, as que se defrontam, têm como data extrema o ano de 1765 (?)¹⁰. Além disso vêem-se ainda as fontes a ladear as capelas, fontes que foram mandadas destruir pelo Real Mesa Censória em 1774, mas que na prática foram apenas recolhidas¹¹. Damos a data extrema do início da década de 1780, quiçá mesmo de um desses anos até 1784, porque o 2.º *Livro de Termos e Accordãos*, de 1770-1786, refere naquele ano o lançamento da primeira pedra da nova igreja¹². Neste momento simbólico deveria haver já um grande movimento de terras atrás da igreja então existente, o que não se vê neste prospeto.

No livro “*Despesas dos Anos de 1780-1782*”, aparecem dois pagamentos, um a João Ribeiro por *huma planta baixa* e outro a Felipe Dias *para eizaminar o sitio da Igreja nova*¹³. Terão estas despesas algo a ver com o desenho?

Acreditamos assim que este desenho feito por um artista desconhecido poderá ter servido de base para o estudo de implantação da nova igreja, ou seja, deverá datar dos primeiros anos da década de 1780.

2

[Carlos Luís Ferreira Amarante – PERSPECTIVA GERAL DO SANTUÁRIO DO BOM JESUS DO MONTE, 1789]

O segundo trabalho mais antigo conhecido é um dos desenhos mais famosos da história da arquitetura portuguesa e que tem sido reproduzido um pouco por todo o lado. Deve sobretudo referir-se que serviu de base como capa à publicação do excelente estudo de Mónica Massara sobre o Bom Jesus do Monte, devendo realçar-se ainda o facto de ter sido republicado como extratexto no interior, com medidas generosas (35,1 x 23,8 cm).

É uma belíssima peça, colorida, desenhada com um enorme rigor que mostraria bem os excelentes dotes de desenhador do seu autor, Carlos Amarante, caso eles não fossem já sobejamente conhecidos¹⁴. Está assinada e datada no canto inferior direito: **Carlos Luis Ferreira da Cruz Amarante o fez em Braga, no Anno de 1789.**

Apesar de ser perfeitamente explícita esta indicação, há uma outra informação que tem de ser tida em conta, e que foi lançada na ata da sessão da mesa de 7 de Agosto de 1783:

... estando juntos com elles os mais da Mesa abaixo assignados, aí se apresentou a planta de todas as Capellas e lugares do nosso Sanctuário, que havia debuxado o Architecto Carlos Luis Ferreira Amarante por ordem desta Mesa, para se remeter para Lisboa com requerimento a Sua Majestade Fidelissima para formar debaixo da Sua Real Protecção a obra do novo Templo, que se tem principiado, e mandar concorrernos com esmollas, que melhor lhe parecesse, cujo regimento se assignou nesta Mesa, e se mandou dar ao Architecto em satisfação da mesma planta quatorze mil e quatrocentos reis...¹⁵

Ou seja, este prospeto parece ser em tudo semelhante ao que se conserva no Arquivo do Santuário e que aqui reproduzimos, podendo o exemplar de 1789 ter surgido em virtude de qualquer necessidade que não se descortina nas atas das reuniões da mesa.

Como que em anfiteatro, e com certo rigor topográfico, a encosta estende-se de cima a baixo, escalavrada, com árvores pontuais e apenas organizadas ao

lado dos caminhos. Não sabemos, porém, se estes alinhamentos arbóreos são reais ou se estão em projeto, embora perfeitamente racionais porque ajudariam a minorar um pouco o ardor do caminho dos penitentes, dando alguma sombra ao sol da tarde que lhes bateria continuamente nas costas durante a subida.

Mais do que em todas as gravuras seguintes há aqui alguma noção de largura, isto é, de extensão ao longo da encosta, de norte a sul. O Terreiro dos Evangelistas, devidamente organizado, já não surge imediatamente atrás da igreja mas sim do lado norte, percebendo-se bem que há uma certa distância entre ambos os espaços. Mas esta largura da estampa também poderá ser motivada pela grande cartela, existente do lado esquerdo do caminho e das capelas, onde estão lançadas as legendas correspondentes aos números que pontuam este desenho.

Ao fundo vê-se uma linha contínua de árvores, totalmente idealizada, a fechar o horizonte, horizonte que nunca seria visível pois é ali o topo do desenho.

Ao meio, como elemento visual principal, temos a igreja de D. Rodrigo de Moura Teles. Está bem assente num patamar que se desce por uma escadaria dupla, de certa forma ainda hoje existente, a que liga o terreiro que defronta a capela ao jardim do Pelicano. Uma igreja que o desenho mostra bem que está com graves problemas pois a cimalha e a balaustrada que a encimam estão ancoradas em pelo menos seis troncos, três de cada lado.

Atrás da igreja temos outra forma idealizada: a nova igreja que seria concebida pelo próprio autor deste desenho, Carlos Luís Ferreira Amarante. Idealizado é também o muro de sustentação de terras, organizado em três degraus porque o declive é ali muito forte.

Ao lado da igreja ficam uma série de construções em que sobressai, à esquerda, um belo e grande edifício que se organiza em volta de um pátio que tem no centro uma fonte, fonte que no prospeto n.º 1 se vê no terreiro dos Evangelistas e nos dias de hoje ali continua. À sua frente, voltado a ponte, tem um jardim com um obelisco, seguido de espaços ainda livres, dispostos em terraços.

Este edifício não está desenhado na planta n.º 1. Volta a aparecer na n.º 3, de 1822, mas já não está desenhado na seguinte. Segundo João Batista Vieira Gomes foi mandado edificar pelo arcebispo Moura Teles como seu Paço para

quando vinha passar algum tempo ao Bom Jesus servindo, também, de casa para o seu capelão¹⁶.

O Escadório dos Cinco Sentidos avulta também no meio do desenho. É impressionante a força que tem! Mais do que a própria igreja é nele que se concentra o nosso olhar. A ligação ao escadório que vinha desde o pórtico não se faria da forma atual. O desenho não propõe a existência do grande pátio que predispõe o romeiro ou o viandante a olhar o escadório ou a igreja, sinal, talvez, de que o barroco ainda não era tão admirado quanto o seria depois.

O pórtico tem o desenho e organização atual. Nada tem já a ver com o que se pode ver no desenho anterior.

Embora esta seja uma montanha organizada, humanizada, a existência de uma grande série de penedos e de penedices transmite-lhe uma forte ruralidade, um afastamento da cidade que é real, da mesma forma que o Gólgota também estava afastado de Jerusalém.

Este desenho é propriedade da Confraria do Bom Jesus do Monte. Pertence a um conjunto de três, sendo os outros dois uma [PLANTA GERAL DO PROJETO DO BOM JESUS] e o outro a [PERSPECTIVA DO NOVO TEMPLO]. Neste momento desconhece-se o paradeiro destes dois outros desenhos. É certo que vão reproduzidos no livro de Mónica Massara (fotos 4 e 5) mas a verdade é que a sua reprodução foi feita a partir do estudo publicado por Fernando Lima¹⁷.

3

GOMES, João Baptista Vieira – PRESPECTIVA DO SANCTUÁRIO DO SENHOR BOM JESUS DO MONTE, NOS SUBURBIOS DA CIDADE DE BRAGA, 1822

João Baptista Vieira Gomes foi um homem que ocupou várias profissões na cidade de Braga. Para além de excelente calígrafo¹⁸ foi também arquiteto municipal em Braga, sendo nomeado no ano de 1823, e professor de matemática¹⁹. Deixou-nos ainda alguns estudos manuscritos, em que salientamos umas “*Memórias de Braga*” em seis volumes, hoje no Arquivo Distrital de Braga

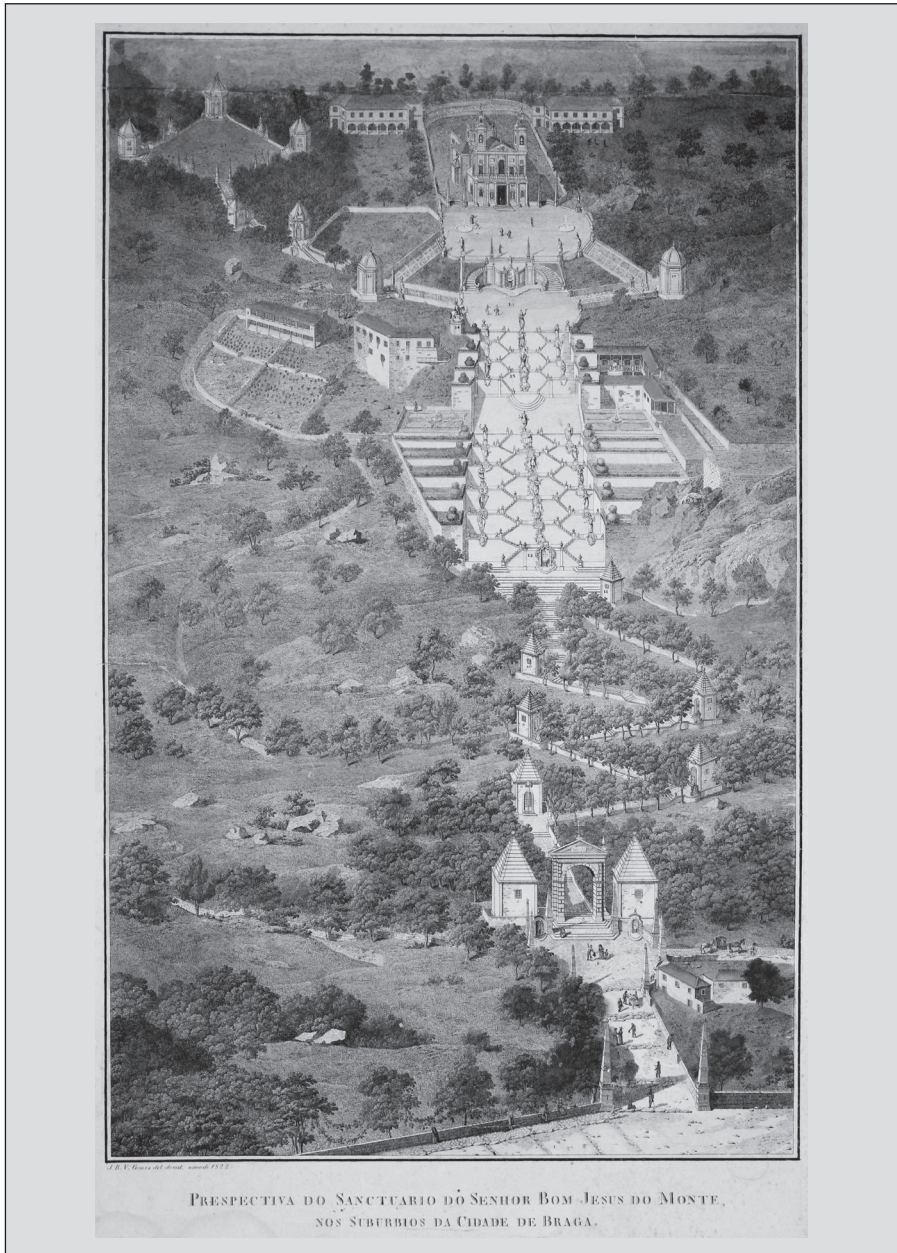
e uma “*Memoria das Memorias da Antiga, Augusta, Nobre e Fiel Cidade de Braga*”, datadas de 1834 mas que na realidade se estendem até cerca de 1841, actualmente pertença do Museu dos Biscainhos mas de que existem fotocópias em particulares e também no Arquivo Distrital de Braga. Este trabalho pode ser considerado a primeira monografia artística da cidade. Neste livro, com 577 páginas, dedica as últimas 119 ao Bom Jesus e refere na página 465 a existência da primeira de uma série de gravuras que, contudo, não constam nele:

A Estampa 1.^a mostra a vista geral do Monte Espino desde a sua raiz the ao terreiro das ultimas capelas, chamado dos Evangelistas, Veem-se descriptos todos os objectos que ultimamente hão-de prefazer o magnifico Sanctuario do Bom Jezus do Monte, desde a sua entrada the ao seu fim, e que hão-de ocupar hum tal lugar, por isso que a sua perfeição assim o pede, e para que abundão os próprios, bem adequados, e meditados riscos com que o zeloso, e inclito Carlos Luiz Ferreira da Cruz Amarante fertilizou o Sanctuario.

Pela longa descrição que fez no livro, vê-se que Vieira Gomes conhecia muitíssimo bem não só a história como também a topografia do santuário o que não é de admirar porque foi ali vedor das obras²⁰.

A gravura que concebeu (*J. B. V. Gomes del. do nat. anno de 1822*) e de que apenas conhecemos um exemplar, o pertencente ao Museu Nogueira da Silva, é estupenda, podendo mesmo dizer-se que apesar da admiração que o autor tinha por Carlos Amarante, ousou competir com ele. Apesar de algumas diferenças, resultado da evolução das obras e de uma vontade de dar uma certa animação humana àquele espaço, fica-se com a sensação que Vieira Gomes trabalhou a partir do desenho de Carlos Amarante, tentando superá-lo, se possível.

Esta ideia da imitação vê-se sobretudo na forma como trata o arvoredo ao longo do caminho ascensional até ao escadório dos Cinco Sentidos. Com Amarante as árvores estão como que acabadas de plantar; em Vieira Gomes já apresentam algum desenvolvimento. Mas também se percebe a ideia de cópia no desenho do novo escadório das Virtudes, cuja representação imita a dos Cinco Sentidos, embora dê a perceber que num o desenho das fontes é muito mais complexo que no outro, o que está correto porque foram construídos em períodos artísticos muito diferentes.



3. GOMES, João Baptista Vieira – PRESPECTIVA DO SANCTUÁRIO DO SENHOR BOM JESUS DO MONTE, NOS SUBURBIOS DA CIDADE DE BRAGA, 1822.

Novo, nesta gravura, é todo o desenho do espaço construído desde o escadório dos Cinco Sentidos até às traseiras da igreja, onde se vêem dois grandes edifícios de dois pisos construídos sobre seis arcos cada um, que deveriam vir a servir para quarteis dos romeiros e casa da mesa. Esta peça de arquitetura corresponde, sem dúvida, a um projeto posterior ao de Carlos Amarante. A obra estendeu-se por bastantes anos pois em 19 de Setembro de 1835 ainda se aprovava o *risco da planta baixa dos quarteis novos e casa da mesa*²¹.

A igreja está perfeitamente delineada, sem qualquer erro, exceto apenas no número de degraus do átrio lajeado. Em contrapartida, o desenho da escadaria dupla que leva ao terreiro do Pelicano é um pouco mais frouxo e de qualidade muito desigual.

A nova estátua de Longuinhos está, essa sim, com um desenho bastante fraco, embora a dimensão diminuta não permitisse veleidades ao desenhador.

O pórtico apesar de ter a mesma implantação tem um desenho imaginado, com uma monumentalidade que nem corresponde ao desenho de Amarante, nem á realidade.

Toda a gravura está pontuada por uma série de números o que pressupõe a existência de uma legenda, no que continua a tradição das anteriores. Esses números estão referidos no livro *Memoria das Memorias da Antiga, Augusta, Nobre e Fiel Cidade de Braga*. Mas não deveria ser por este livro que os possuidores de gravuras iguais a esta iriam conhecer a correspondência, deveria haver pagelas a acompanhar.

Uma pergunta se pode colocar: porque razão foi esta gravura aberta? Não conhecemos nenhuma resposta embora nesta data já começasse a ser corrente a existência de gravuras como forma de agradecimento aos romeiros pelas esmolas. Veja-se, por exemplo, o seguinte trecho colhido nas actas da confraria do Bom Jesus do Monte e relativo à reunião de 12 de Dezembro de 1824. Não nos parece, contudo, que a gravura referida seja um “prospecto geral” mas sim um registo de santo:

... *mais foi proposto, que o nosso irmão e benfeitor, Joseph Caetano da Silva Braga, da cidade do Porto, exigia que lhe fosse prometido a que as*

estampas da nossa chapa pequena que ele de novo manda abrir, caisse todo o lucro no sacco da administração das estampas e livros, que ele ofereceu a fim de se dar principio a obra da nova Capela da Arvoreação correspondente a do Descendimento; e conhecendo esta Mesa que tudo redundava em beneficio do Santuario se anuiu a sua rogativa...²².

A existência de uma gravura pressupõe a tiragem de mais do que uma. Para ficar restrita a um exemplar bastava ser feito um desenho. Mas não encontramos referência à existência de outras gravuras!

4 SANTUÁRIO DO BOM JESUS DO MONTE NOS SUBURBIOS DE BRAGA

Esta gravura existe em pelo menos duas versões: uma, preto e branco, e a outra colorida. Tem as seguintes indicações: *Silva lith e Lith. de Lopes R. Nova dos Martires 2.*

Embora não conheçamos nenhuma determinação da mesa do Bom Jesus do Monte a mandar fazer esta estampa, tudo indica que ela era corrente. Como vimos na anterior, a abertura da pedra poderá ter sido uma oferta de algum benemérito e, assim, não era absolutamente obrigatório que houvesse referência a ela em atas das sessões da mesa.

A litografia é muito mais fraca do ponto de vista da qualidade do desenho e de informações que a anterior que o autor conhecia e que com toda a certeza usou como base embora tenha havido cuidado em a atualizar com as obras entretanto realizadas. Da mesma forma que a número 1, tem uma legenda na parte inferior.

As árvores têm uma copa bem maior e estão dispersas pela montanha, sendo raras as que marginam o caminho dos romeiros.

No local correspondente ao Hotel do Elevador existe a Hospedaria Nova; a seu lado, para sul, vêem-se dois grandes quarteis para romeiros, existindo outro,

agora sobre nove arcos (na estampa anterior tinha seis arcos), no lado sul da igreja. Do lado direito do templo, fazendo paralelo, está um edifício igual, embora se perceba a existência de apenas seis arcos; poderá, contudo, ser de dimensão igual à do existente no outro lado pois este está parcialmente coberto por uma vegetação densa. É interessante saber-se que correspondia à Casa da Mesa; ou seja, a atual está sensivelmente no mesmo lugar que a antiga.

A informação mais reveladora é a que nos é dada pelo traçado da estrada, perfeitamente visível e assinalada quer com um número (2. *Estrada para o alto do santuario*), quer pelo *TUNEL* existente entre o escadório dos Cinco Sentidos e as capelas que ainda hoje estão abaixo. A abertura desta estrada foi decidida na sessão de mesa de 2 de Junho de 1855²³, sendo construída com projeto do arquiteto Manuel Couto Guimarães. A obra estendeu-se por duas fases: a primeira, desde a base do monte até ao escadório dos Cinco Sentidos, foi deliberada a construção na sessão de 20 de Março de 1859²³; a segunda, dali até ao templo, na sessão de 11 de Outubro de 1863²⁵.

A abertura da estrada e a existência das capelas ainda com o formato primitivo, quadrado ou retangular, permite-nos dizer que esta gravura foi desenhada algures entre 1865 e os inícios da década de 1880, data a partir da qual começaram a ser reconstruídas com uma planta sextavada.

Após esta imagem vão começar a aparecer um sem fim de outros prospectos da montanha, razão pela qual já não os incluímos neste inventário. A grande diferença está na arborização intensa que cobre toda a área do parque, na construção do plano inclinado, ou elevador (1882), na transformação de alguns edifícios. Num dos últimos prospectos, o que vai publicado no pequenino guia da autoria do cônego Arlindo Ribeiro da Cunha²⁶, na página desdobrável, vê-se já, por exemplo, o edifício do casino, concluído em 1933.

A razão da desmultiplicação de novas páginas tem a ver quer com o facto de o Bom Jesus se ter tornado num local com fortíssima apetência turística, quer com a grande evolução da tecnologia que simplificou ao máximo os processos de edição.



4. SANTUÁRIO DO BOM JESUS DO MONTE NOS SUBURBIOS DE BRAGA.

Embora pertença já ao domínio da fotografia, ou seja, de uma arte bem mais recente, não devemos deixar de referir aqui uma extraordinária fotografia da autoria do fotógrafo bracarense Arcelino Azevedo, datável do início da década de 1970, que nos mostra toda a área do santuário e parque integrada nas montanhas envolventes²⁷.

Ao mesmo tempo, o prospecto do Bom Jesus tornou-se uma imagem de marca que passou a ser utilizada em tudo, num franchising impressionante, desde pratos de lata ou de porcelana, a chávenas, talheres, caixas, capas de livros, postais ilustrados, gravuras, enfim, em todo e qualquer objeto.

Braga, 10 a 20 de Maio de 2013.

Notas

¹ MASSARA, Mónica F. – *Santuário do Bom Jesus do Monte: fenómeno tardo barroco em Portugal*. Braga: Confraria do Bom Jesus do Monte, 1988, p. 35.

² O melhor inventário de registos de santo em Portugal é ainda o de Ernesto SOARES (*Inventário da colecção de registos de santos*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1955). Para os registos de santo do concelho de Braga veja-se o nosso trabalho *Registos de santos do concelho de Braga. Inventário da colecção da Biblioteca Pública de Braga*. “Forum”, Braga, 12/13, 1993, pp. 51-124, il.

³ ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da – *Manuel Fernandes da Silva. Mestre e arquitecto de Braga (1693-1751)*. Porto: Centro de Estudos D. Domingos Pinho Brandão, 1996, p. 180, fig. 25

⁴ COSTA, Luís – *Documentos e Memórias para a História do Barroco Bracarense. Bom Jesus do Monte*. “Bracara Augusta”, Braga, 51 (119), 2003, p. 309. Nesta reprodução não se vêem as legendas.

⁵ Arquivo do Santuário do Bom Jesus Monte. 2.º *Livro dos Termos e acórdãos. 1722-1770*, fls. 98v-99.

MASSARA, Mónica F. – *Santuário do Bom Jesus do Monte: fenómeno tardo barroco em Portugal*. Braga: Confraria do Bom Jesus do Monte, 1988, p. 56-57.

⁴ Arquivo do Santuário do Bom Jesus do Monte. 2.º *Livro dos Termos e acórdãos. 1722-1770*, fls. 111v-112.

⁷ Arquivo do Santuário do Bom Jesus do Monte. 2.º *Livro dos Termos e acórdãos. 1722-1770*, fls. 107v-109.

⁸ MASSARA, Mónica F. – *Santuário do Bom Jesus do Monte: fenómeno tardo barroco em Portugal*. Braga: Confraria do Bom Jesus do Monte, 1988, p. 133-134.

⁹ MASSARA, Mónica F. – *Santuário do Bom Jesus do Monte: fenómeno tardo barroco em Portugal*. Braga: Confraria do Bom Jesus do Monte, 1988, gravuras 6 e 7.

¹⁰ OLIVEIRA, Eduardo Pires – *André Soares e o rococó do Minho*, vol. 1. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2011, p. 351 (tese de doutoramento não publicada).

¹¹ FEIO, Alberto – *Bom Jesus do Monte*. Braga: Confraria do Bom Jesus do Monte, 1930, p. 63.

¹² MASSARA, Mónica F. – *Santuário do Bom Jesus do Monte: fenómeno tardo barroco em Portugal*. Braga: Confraria do Bom Jesus do Monte, 1988, p. 137.

¹³ MASSARA, Mónica F. – *Santuário do Bom Jesus do Monte: fenómeno tardo barroco em Portugal*. Braga: Confraria do Bom Jesus do Monte, 1988, p. 114.

Filipe Dias aparece como intendente e inspetor da nova obra em meados de 1781 segundo se pode ler na ata de 10 de Abril de 1782: MASSARA, Mónica F. – *Santuário do Bom Jesus do Monte: fenómeno tardo barroco em Portugal*. Braga: Confraria do Bom Jesus do Monte, 1988, p. 135.

¹⁴ DUARTE, Eduardo Alves – *Carlos Amarante (1748-1815) e o final do classicismo: Um arquitecto de Braga e do Porto*. Porto, FAUP Publicações, 2000. Carlos Amarante foi também

um excelente desenhador de cartelas no período rococó: OLIVEIRA, Eduardo Pires – *André Soares e o rococó do Minho*, vol. 1. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2011, p. 187-197 (tese de doutoramento não publicada).

¹⁵ MASSARA, Mónica F. – *Santuário do Bom Jesus do Monte: fenómeno tardo barroco em Portugal*. Braga: Confraria do Bom Jesus do Monte, 1988, p. 136.

¹⁶ ADB. Ms 1059: *Memoria da Antiga, Augusta, Nobre e Fiel Cidade de Braga*, p. 562.

¹⁷ LIMA, Fernando José Torres Alvares Pereira – *Carlos Amarante e o Bom Jesus do Monte. No seu segundo centenário*. “O Distrito de Braga”, Braga, 2.ª série, 1, 1975, p. 341-392.

¹⁸ OLIVEIRA, Eduardo Pires de - *Nogueiró (Braga)*. Braga, Junta de Freguesia de Nogueiró, 2010, p. 164-168.

¹⁹ COSTA, Luís - *João Batista Vieira Gomes (Dr. Chasco) era lente de matemática e arquitecto*. “Diário do Minho”, Braga, 18 de Junho de 1999.

²⁰ ADB. *Memoria das Memorias da Antiga, Augusta, Nobre e Fiel Cidade de Braga*, p. 460.

²¹ Arquivo do Santuário do Bom Jesus do Monte. 4.º *Livro dos Termos e acórdãos*. 1809-1838, fls. 215-215v.

²² Arquivo do Santuário do Bom Jesus do Monte. 4.º *Livro dos Termos e acórdãos*. 1809-1838, fls. 144v-145.

²³ Arquivo do Santuário do Bom Jesus do Monte. 5.º *Livro dos Termos e acórdãos*. 1839-1860, fls. 118v-119.

²⁴ Arquivo do Santuário do Bom Jesus do Monte. 5.º *Livro dos Termos e acórdãos*. 1839-1860, fls. 136v-137.

²⁵ Arquivo do Santuário do Bom Jesus do Monte. 6.º *Livro dos Termos e acórdãos*. 1860-1864, fól. 32. Para a construção da estrada veja-se mais desenvolvidamente LIMA, Maria Luísa Gonçalves Reis – *O Santuário do Bom Jesus do Monte no século XIX. Permanência e modernidade*. “Bracara Augusta”, Braga, 48 (114-115), 1988-1989, p. 219-279 (241-246).

²⁶ *Roteiro do Bom Jesus do Monte. Braga*. Braga. Confraria do Bom Jesus do Monte, 1978.

²⁷ NÓBREGA, Vaz Osório da – *Pedras de Armas e Armas Tumulares do Distrito de Braga. Cidade de Braga / freguesias rurais*. Vol. 2. Braga: Junta Distrital de Braga, 1972, p. 97.